

All things...

| ¹ Kenneth R. de Camargo Jr., ² Jane Russo |

¹ Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ, Brasil (kenneth@uerj.br). ORCID: 0000-0003-3606-5853

² Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro-RJ, Brasil (jane.russo@gmail.com). ORCID: 0000-0002-4383-334X

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312020300200>

Lakoff e Johnson (2003), em seu livro *Metaphors We Live By*, chamaram a atenção para o papel desempenhado por metáforas na própria formulação de nosso pensamento. Destacam algumas metáforas comuns a várias culturas, entre elas a que compara o transcorrer da vida a uma caminhada. O poeta sevilhano Antonio Machado, por sua vez, lembrou ao caminhante que “*no hay camino, se hace camino al andar*”.

Ter sido editor de *Physis* durante 15 anos foi uma grande caminhada, construída coletivamente, cheia de responsabilidades e honra maior ainda. Foi um período de muitos desafios, intenso aprendizado e de expansão da revista, que passou por diversas transformações, incluindo seu formato gráfico, e que progressivamente incorporou novas e novos colaboradores, cujo trabalho, fundamental para sua trajetória, agradeço imensamente.

Chega um momento, contudo, no qual caminhos divergem, novos caminhantes se unem à marcha e traçam seus próprios e novos caminhos. Como cantou George Harrison, que inspirou o título desta despedida, “*all things must pass*”. Toda partida tem um quê de tristeza, mas o vivido persiste na memória. Indo em direção a outros projetos, fica a felicidade e confiança de ver essa nova etapa de nossa *Physis* tendo à frente uma editora segura e competente, pesquisadora e professora reconhecida, nossa querida Jane Russo. Jane é doutora em Antropologia Social e professora do

PPGSC há 25 anos, pesquisando as interações e interfaces entre corpo, saúde e cultura. Desejo a ela e à equipe o sucesso que, tenho certeza, alcançarão, e deixo a todas e todos meu muito obrigado.

E já que citei Harrison, não poderia deixar de lembrar que “*in the end, the love you take is equal to the love you make...*”

Continuar o caminho delineado por Kenneth Camargo Jr. para a *Physis* não será tarefa fácil. A partir de sua editoria e com o apoio dos demais colaboradores, nossa revista passou a ocupar um importante espaço de interlocução, em que as diferentes ciências humanas (com destaque para as ciências sociais) dialogam entre si no intuito de constituir e fortalecer o campo da Saúde Coletiva – buscando torná-lo diverso, plural e engajado. Assumir esse encargo constitui certamente um desafio pois sei o tamanho da tarefa que tenho pela frente, porém também sei que *I’ll get by with a little help from my friends...*

Muitas coisas me aproximam de Kenneth, além da óbvia admiração pelo famoso conjunto de rock aqui citado. Uma delas é o engajamento com a instituição onde trabalhamos, outra é o apego ao rigor intelectual e acadêmico. Buscarei trazer apego e engajamento ao meu trabalho como editora da *Physis*. Se pretendo continuar a caminhada de Kenneth, ela certamente será diferente, pois nossas trajetórias – aparte a afinidade musical – apresentam itinerários distintos, o que em si não é ruim, pelo contrário. Espero que essa diversidade de trajetória seja benéfica para a revista, e que eu possa contribuir para seu constante aprimoramento.

Não poderia terminar este editorial sem fazer referência ao momento de terrível crise sanitária que estamos vivendo, com a disseminação praticamente mundial da Covid-19. Em meio a um isolamento social bastante relativo – pois dependente de condições desigualmente distribuídas entre a população –, lemos diversas avaliações sobre a sociedade “pós-coronavírus”. Um dos muitos memes que recebi exibe o desenho de dois dinossauros, ambos olhando para um meteoro que parece vir colidir a toda velocidade com o planeta. Um deles diz “Meu Deus, um meteoro”, o outro

responde “precisamos escrever um *paper*”. Com a forçada suspensão da maioria das atividades econômicas nos mais diversos (e ricos) países do mundo, a previsão é de uma grave recessão econômica, o que, segundo algumas análises, fatalmente levará países, líderes, grupos políticos, a sociedade em geral, a repensar o papel do Estado na economia e, o que nos interessa mais, no estímulo, incremento e sustentação de uma saúde pública de qualidade. Essa tem sido uma luta constante do campo da saúde coletiva em nosso país, e será uma bandeira que a Physis continuará conduzindo, em conjunto com a Abrasco.

Tendo em vista as implicações socioculturais, econômicas e políticas da epidemia, bem como a gravidade com que a mesma vem atingindo a vida cotidiana das pessoas, pensamos em acolher, na revista, reflexões sobre o momento que vivemos, feitas sob a ótica das ciências sociais e humanas em saúde. Lançamos, assim, um convite aos professores do IMS para que compartilhassem suas análises sobre o tema, partindo de suas áreas de investigação. Temos aqui o resultado desse desafio.

Iniciada de forma aparentemente localizada em uma província chinesa, a epidemia de Covid-19 rapidamente se alastrou, primeiro para países europeus e logo para as Américas. Bateu às nossas portas no final de fevereiro, quando foi confirmado o primeiro caso em São Paulo, de uma pessoa que chegara da Lombardia, na Itália. O contágio foi aos poucos se disseminando, até chegarmos à chamada transmissão comunitária em diversos estados – quando não é possível especificar a origem do contágio (BRASIL, 2020). Ao mesmo tempo, em 11 de março, a OMS declarou tratar-se de uma pandemia. O vírus e a ameaça da Covid-19 invadiram definitivamente a vida dos brasileiros.

A peculiar conjuntura política do país, com um presidente “negacionista” cuja postura é claramente anticientífica, compromete o planejamento e a execução de um combate organizado à doença. Em evidente contraste, vários profissionais do campo da Saúde, entre os quais destacaria os epidemiologistas e os especialistas em Gestão e Planejamento em Saúde, têm trabalhado com afinco para implementar ações eficazes nos diferentes estados, e estão na linha de frente desse combate.

Um conjunto muito grande de artigos científicos tem sido publicado sobre o vírus e a epidemia, muitos deles difundidos na mídia. Grande parte engloba pesquisa básica ou aplicada que focaliza seja a estrutura física do vírus, seja o manejo clínico dos afetados, além dos estudos epidemiológicos e matemáticos sobre a propagação do contágio, dos agravamentos dos quadros e dos óbitos. Essas costumam ser as

pesquisas mais discutidas e visibilizadas pela mídia de modo geral – de tal forma que, para o grande público, quando se fala que a resposta à epidemia deve vir da ciência, pensa-se imediatamente em tubos de ensaio, luvas, óculos e macacões de proteção, ou ainda no universo quantitativo do cálculo das curvas e de como achatá-las. São pesquisas extremamente relevantes e que certamente serão responsáveis pela sobrevivência e saúde de todos nós. Mas nem só de tubos de ensaio e cálculos matemáticos vive uma epidemia.

Lembremos que esse vírus tem uma vida social, interage com um mundo de diferenças, impacta países, faixas etárias, grupos de risco, classes sociais, gênero e raça de modos distintos. Estamos todas e todos sujeitos a esse vírus, mas seu caráter democrático para por aí. O conjunto de informações veiculadas acerca de como se prevenir e evitar o contágio tem efeitos diferentes sobre camadas diferentes das populações. A indicação supostamente banal de higienizar as mãos encontra barreiras em um acesso desigual a saneamento, porque falta a mais básica água, além do sabão. O isolamento social, pivô das ações de prevenção, pode ser literalmente impossível. Do mesmo modo, a definição de tarefas indispensáveis (cabe a pergunta: para quem?) pode variar bastante. A casa, dentro da qual devemos nos isolar, pode ser um local de segurança e refúgio ou de perigo e violência.

Para além, portanto, da importante produção das ciências vinculadas à biologia e à medicina, assistimos também a uma significativa produção acadêmica que vem trazendo reflexões e pesquisas acerca da circulação social do coronavírus e de seu significado político. Somente para termos uma ideia da importância de tais pesquisas e reflexões, basta lembrar aqui a marca eminentemente racial da letalidade da doença, atingindo desproporcionalmente a população negra (e, nos EUA, também os chamados latinos).

Este número da *Physis* traz na sua abertura um conjunto de comentários que pretende ser uma contribuição da revista para esse tipo de reflexão. O formato de comentário pareceu-nos o mais adequado, por envolver textos mais breves e que podem estar em estágios diferentes de elaboração. A contribuição de pesquisadores e professores de outras instituições também foi bem-vinda. Decidimos publicar o resultado de nossa chamada inicialmente na página do IMS, dada a urgência de sua divulgação. Tudo isso porque temos pressa e acreditamos que o aporte trazido aqui é parte importante do combate a esta emergência sanitária. O vírus não parece ter a intenção de esperar por lentas adaptações de formato. Apresentamos aqui um conjunto

de trabalhos que cobrem aspectos diversos da epidemia – tanto no seu impacto no cotidiano das pessoas quanto na sua abrangência macropolítica – e que, esperamos, sirvam como um instrumento a mais para combater a doença e sua letalidade.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Saúde. *Ministério da Saúde declara transmissão comunitária nacional*. 20 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46568-ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-nacional>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

